

O ENFERMEIRO DO PROGRAMA SAÚDE DA FAMÍLIA E A PROMOÇÃO DA SAÚDE DO ADOLESCENTE

Akemi Iwata Monteiro¹
Líbne Lidianne da Rocha e Nóbrega²

INTRODUÇÃO: As práticas sanitárias correntes dirigidas ao adolescente carecem ser revistas, pois, conforme autor¹, a atenção que, geralmente, é destinada ao adolescente (quando isso acontece), concentra-se demasiadamente nos comportamentos problemáticos muito específicos, inclusive, já bem arraigados. Entretanto, a partir da Conferência Internacional de Ottawa (1986), vem sendo fortalecida a discussão em torno da promoção da saúde. E, anterior a isso, já vem sendo erigido o debate científico-político que põe em evidência a necessidade de revisão e superação das práticas tradicionais dos serviços de saúde. Avigora-se, então, a importância do olhar sobre o contexto e as pessoas a quem se destinam as ações, numa perspectiva de capacitar e emancipar a comunidade para que adquira qualidade de vida. Ao se voltar para as conceituações de promoção da saúde, observa-se que estas podem ser agrupadas em dois grandes grupos². No primeiro, o conceito enfatiza a transformação de comportamentos, enfocando os estilos de vida dos indivíduos. No segundo grupo de conceituação, insere-se a Carta de Ottawa, que é o documento mais conhecido como referência à corrente da Nova Promoção à Saúde³. O conceito de promoção da saúde resgatado pela Carta de Ottawa⁴ fundamenta esta pesquisa e enfatiza como pré-requisitos para a saúde: paz, habitação, ecossistema saudável, educação, alimentação, equidade, entre outros, acrescentando como estratégias para a promoção da saúde, a construção de políticas públicas saudáveis, a criação de ambientes favoráveis, o reforço à ação comunitária, o desenvolvimento de habilidades individuais e a reorientação dos serviços de saúde. No Brasil, a promoção da saúde vem fundamentando a constituição de programas e se tornando componente da política de saúde, o Sistema Único de Saúde - SUS. O Programa de Saúde do Adolescente – PROSAD, criado em 1989, delimita a faixa etária entre 10 e 19 anos para a adolescência e propõe ações básicas que se baseiam em uma política de promoção da saúde, identificação de grupos de risco, prevenção, tratamento adequado e reabilitação⁵. Assim, prioriza ações que são orientadas pelo princípio da integralidade, multidisciplinaridade, intersetorialidade e interinstitucionalidade, levando-se em conta as diretrizes do SUS⁶. O Programa Saúde da Família - PSF, por sua vez, enquanto estratégia criada em 1994 para colaborar com a reorganização do sistema de saúde e viabilizar as propostas do SUS, admite os princípios deste último, e conforme salienta o Ministério da Saúde- MS, prima as ações de proteção e promoção à saúde dos indivíduos e da família, de adultos e crianças, são e doentes, de forma integral e contínua. Daí, a Estratégia Saúde da Família ter sido considerada pelo Ministério da Saúde, como a “política de saúde que pode mudar a situação atual dos adolescentes no país [...] por se aproximar mais das condições socioculturais e assim cumprir os princípios que norteiam o SUS”^{7:2491}. Ademais, autores⁸ denotam que, a partir do SUS, a prática da enfermeira vem passando por mudanças, em um movimento de transformação de uma atuação profissional, primordialmente, da área curativa, individualizada, ligada às instituições hospitalares, para a produção de serviços em unidades básicas de saúde com relevo para ações promocionais e preventivas em bases coletivas. Isto leva a crer, por sua vez, que as ações de enfermagem junto ao adolescente, consoante autores⁶, não podem estar desarticuladas das ações globais e nem desconsiderar as questões de cunho político, social e econômico que englobam o assunto saúde, pois, em conformidade com os autores,

¹ Enfermeira, Doutora em Enfermagem, Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN.

² Enfermeira, Especialista em Saúde da Família pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Mestre em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFRN, Professora Assistente II do Departamento de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. libnelidianne@ig.com.br

conceber o direito que o adolescente tem à saúde e empenhar-se para sua promoção, proteção e recuperação é uma questão de respeito à cidadania. OBJETIVO: Portanto, este trabalho tem como objetivo, identificar as ações do enfermeiro do PSF voltadas para o adolescente com o sentido de promoção da saúde. METODOLOGIA: Trata-se de uma pesquisa descritiva, de abordagem metodológica quantitativa. Foi realizada em 06 espaços da cidade de Mossoró-RN: Unidade de Saúde da Família – USF Dr. Ildone Cavalcante de Freitas, Escola Municipal Celina Guimarães Viana, UBSF Dr. Chico Costa, Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI I, USF Dr. Luiz Escolástico Bezerra e Escola Municipal Marineide Pereira da Cunha. Os locais foram escolhidos por constituírem espaços citados pela Coordenação Municipal do PSF, onde os enfermeiros desenvolvem atividades com adolescentes. Participaram do estudo, o total de enfermeiros das USF pesquisadas (09) e adolescentes entre 15 e 19 anos (74), das escolas mencionadas acima, localizadas nas áreas das USF. O cálculo da amostra de adolescentes foi feito mediante fórmula proposta por autor⁹. A coleta de dados ocorreu através da aplicação de questionários com adolescentes e da realização de entrevista individual estruturada com enfermeiros. Antes dos procedimentos de coleta de dados, foram observados todos os preceitos éticos vigentes na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde que regulamenta pesquisas com seres humanos. A pesquisa iniciou-se após emissão do Parecer favorável n. 99-2007 do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP da UFRN. Os dados obtidos foram organizados em um banco (fez-se uso do programa estatístico Excel – Microsoft). Foram representados na forma de tabelas, quadros ou gráficos, com sua frequência absoluta e/ou relativa para análise a partir do referencial teórico trazido pelo estudo. RESULTADOS: Encontrou-se, de acordo com 7 enfermeiros, que não existe serviço estruturado para atender, especificamente, a este grupo populacional. Constitui-se, segundo 6 enfermeiros, numa demanda não-organizada. Foi afirmada por 7, a existência de algum tipo de trabalho desenvolvido para os problemas/vulnerabilidades dos adolescentes, destacando-se as palestras e os grupos, cada um citado por 2. Constatou-se que entre os 60 adolescentes que já foram à unidade de saúde, 35 (58,3%) já procuraram o atendimento do enfermeiro. Entre os que não procuraram, 8 (33,3%) mencionaram não houve necessidade. Entre os 35 adolescentes que procuraram o enfermeiro, 27 (77,1%) conseguiram e 7 (20,0%) não conseguiram ser atendidos. Foi referido por 4 (57,1%) dos adolescentes que não conseguiram ser atendidos, que o enfermeiro não estava presente/disponível. O tipo de atendimento mais citado foi a conversa/informação/entrevista por 5 (19,0%). Foram reveladas por 25 (34,0%) adolescentes, dificuldades para serem atendidos pelo enfermeiro. As dificuldades mais citadas foram muita gente para ser atendida, por 11 (44%), longa espera, por 8 (32%), atendimento ruim/incompleto, por 3 (12%). As ações mais citadas pelo enfermeiro das quais o adolescente participa, foram planejamento familiar (5) e pré-natal, grupos e palestras, cada uma por 4. Entre os sete enfermeiros que confirmaram existir trabalhos para as vulnerabilidades do adolescente, 3 citaram como dificuldades, o despreparo dos pais. O aumento da procura pela USF e mais interesse pelo planejamento familiar e pela prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis foram os resultados mais citados pelos enfermeiros pela execução dos trabalhos com os adolescentes, sendo por 2 respondentes. CONCLUSÕES/CONTRIBUIÇÕES PARA A ENFERMAGEM: Apreende-se que a prática do enfermeiro ainda não conseguiu dar prioridade a ações promocionais direcionadas ao adolescente. No entanto, é relevante a existência de resultados creditados pela execução dos trabalhos voltados aos adolescentes. Acredita-se que o conhecimento das ações do enfermeiro do PSF para a promoção da saúde do adolescente contribuirá com reflexões para melhoria da qualidade dos serviços prestados nas USF voltados ao adolescente, com base em um apontamento feito pelo próprio sujeito alvo das ações. Ademais, sugere-se discutir com enfermeiros e demais profissionais das equipes de USF, sobre metodologias de planejamento e de educação em saúde com adolescentes, técnicas de comunicação, trabalho interdisciplinar, intersetorial e integral, redes de conversação, dentre outras estratégias, que possam favorecer a promoção da saúde.

Referências:

- 1 - Burt MR. Por qué debemos invertir en el adolescente? Documento preparado para la Conferencia Salud Integral de los Adolescentes y Jóvenes de América Latina y el Caribe, 9 al 12 de julio de 1996. Washington (DC).: Organización Panamericana de la Salud/Fundación W. K. Kellogg; 1998.
- 2 – Buss PM. Uma introdução ao conceito de promoção da saúde. In: Czeresnia D, Freitas CM, organizadores. Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2003. p. 15-38.
- 3 - Buss PM. Promoção da saúde e qualidade de vida. Cien Saude Colet. 2000; 5 (1): 163-77.
- 4 – Carta de Ottawa. Primeira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde. Ottawa; 1986 [acesso em 2006 nov 30]. Disponível em: <http://www.opas.org.br/promocao/uploadArq/Ottawa.pdf>.
- 5 - Brasil. Programa Saúde do Adolescente: bases programáticas. 2ª ed. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Coordenação da Saúde da Criança e do Adolescente – Brasília, Ministério da Saúde 1996.
- 6 - Ferreira M de A, Lisboa MTL, Filho AJ de A, Gomes M da LB. Inserção da saúde do adolescente na formação do enfermeiro: uma questão de cidadania. In: Ramos FRS, Monticelli M, Nitschke RG, organizadores. Projeto acolher: um encontro da enfermagem com o adolescente brasileiro. 2000. p. 68-72.
- 7 - Ferrari RAP, Thomson Z, Melchior R. Atenção à saúde dos adolescentes: percepção dos médicos e enfermeiros das equipes da saúde da família. Cad Saúde Pública. 2006 nov; 22 (11): 2491-5.
- 8 - Nascimento MS, Nascimento MAA do. Prática da enfermeira no Programa de Saúde da Família: a interface da vigilância da saúde versus as ações programáticas em saúde. Cien Saude Colet. 2005; 10 (2): 333-45.
- 9 - Richardson RJ. Pesquisa social: métodos e técnicas. 3ª ed. São Paulo: Atlas; 1999. 334 p.

DESCRITORES: Enfermagem; Promoção da Saúde; Saúde do Adolescente.

ÁREA TEMÁTICA: Enfermagem e a Política Nacional de Promoção da Saúde.